



## Os desafios para a Reforma Agrária no sul do mundo

Taís Gangussu Galvão Alves<sup>1</sup>  
Damian Lobos<sup>2</sup>

### Resumo

Entrevista com o professor Paris Yeros, da Universidade Federal do ABC paulista, e também pesquisador do African Institute for Agrarian Studies (Zimbábue). Nessa conversa ele fala sobre sua carreira, a conjuntura do sul global - focada no Brasil e no Zimbábue -, os movimentos sociais e os novos desafios postos para a reforma agrária.

**Palavras-chave:** Reforma Agrária, Movimentos Sociais, Zimbábue

## Los desafíos para la Reforma Agraria en sur del mundo

### Resumen

Entrevista con el profesor Paris Yeros, de la Universidade Federal do ABC/São Paulo, y también investigador del African Institute for Agrarian Studies (Zimbabwe). En esa conversa él habla de su carrera, la coyuntura del sur global – con foco en Brasil y Zimbabwe -, los movimientos sociales y los nuevos desafíos colocados para la reforma agraria.

**Palabras clave:** Reforma Agraria, Movimientos Sociales, Zimbabwe

## Challenges for Agrarian Reform in the South of the World

### Summary

Interview with Professor Paris Yeros, from the Federal University of ABC in São Paulo, and also a researcher at the African Institute for Agrarian Studies (Zimbabwe). In this talk he talks about his career, the global situation of the South - focused on Brazil and Zimbabwe -, social movements and new challenges for agrarian reform.

**Keywords:** Agrarian Reform, Social Movements, Zimbabwe

<sup>1</sup> Possui graduação em Serviço Social - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestrado em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>2</sup> Possui Licenciatura em ciência Política Universidade Católica de Córdoba (UCC). Mestrado em Planejamento e Gestão de Território pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Doutorando em Estudos Sociais Agrários no Centro de Estudos Avançados- Universidade Nacional de Córdoba (CEA/UNC).

O surgimento de governos de direita na América Latina, seja através de golpe ou pela via democrática, é uma nova manifestação da crise capitalista em escala global, que representa uma reordenação das forças conservadoras da região. Um dos aspectos centrais desta reviravolta é um novo avanço e recrudescimento da disputa pela terra e pelos recursos naturais. Com a militarização do continente durante os anos 70, o projeto neoliberal implementado teve como dois de seus pilares centrais a reprimarização das economias do sul e a adesão da mesma ao projeto global das multinacionais de agroexportação. Os camponeses, os sem terra, os quilombolas e os povos originários do Brasil e em vários países, após a independência política na periferia do sistema capitalista, tem sido o principal setor de resistência. Essa resistência tem gerado as bases de uma série de experiências em escala local e nacional e têm buscado subverter essas relações de poder, com êxito e impacto diferentes em escala global.

Neste contexto, um amplo grupo de professores, pesquisadores e militantes do sul global levantaram a necessidade e a urgência de reabrir os debates sobre a questão agrária, agenda política e intelectual ignorada e abandonada pelo academicismo do norte, tanto de direita como de esquerda. Uma das principais referências desta linha é Paris Yeros, que editou junto com o proeminente intelectual zimbabuense Sam Moyo (1954-2015), as publicações tri-continetais *Reclaiming the Earth* (2005) e *Claiming the Nation* (2011). No seguinte diálogo, o Prof. Yeros reflete sobre sua carreira, a conjuntura do sul global - focada no Brasil e no Zimbábue -, os movimentos sociais e os novos desafios postos para a reforma agrária.

**1. Você é professor da Universidade Federal do ABC paulista e também pesquisador do African Institute for Agrarian Studies (Zimbábue), realizou sua formação acadêmica na área de relações internacionais e economia, em Londres e nos Estados Unidos. Gostaria que você falasse sobre sua trajetória e o que tem se dedicado a estudar.**

Eu venho estudando a questão agrária. Tenho dedicado uns vinte anos ou mais a esse assunto, e especialmente com relação à África. Comecei a estudar a África nos anos 1990. Na época eu estava morando nos Estados Unidos e foi ali que comecei a estudar. Depois, em Londres, eu continuei e fiz o meu doutorado sobre a questão agrária do Zimbábue e da África de maneira mais geral. Foi ali realmente que se consolidou esse interesse e por coincidência eu estive aqui no Zimbábue na época da reforma agrária. Eu cheguei em 1999 e fiquei um ano e meio. Em fevereiro de 2000 já avançaram as grandes ocupações de terra. A partir daí se iniciou essa grande reforma agrária e quando isso acontece você não consegue fazer outra coisa. Então eu fui me dedicando a esse assunto e escrevi bastante sobre a questão agrária do

Zimbábue. Tentei estudar outras questões agrárias no Brasil, mas o Zimbábue sempre me chama de volta. Então esse é o meu principal assunto, porém eu dou aula sobre várias outras coisas, então pesquisas diversas não é o meu único interesse, mas é a minha área principal.

**2. Os movimentos sociais no Brasil se consolidaram predominantemente como movimentos rurais e urbanos, diferente dos países do Norte que tiveram uma maior centralidade nos sindicatos. Como você analisa esse processo e qual a importância de tencionar o debate racial nesses movimentos no contexto da América Latina?**

Diferentemente do cenário nos países do centro do sistema, no Sul no geral, as economias se desenvolveram de outra maneira. Ouve nessas economias uma migração rural urbana que marcou século XX. Uma migração maciça, cuja origem se encontra na crise agrária no geral. Não apenas os países que conseguiram se industrializar, mas mesmo aqueles que não se industrializaram passaram pela mesma experiência. Ouve uma forte expulsão dos trabalhadores do campo para a cidade, de maneira não permanente dependendo do caso. Ouve uma população que não foi absorvida nas áreas urbanas enquanto nas áreas rurais a pobreza e as condições precárias continuaram. Então nos países do Sul em geral, e no Brasil em particular se consolidou uma modernidade muito diferente daquela do Norte. Uma modernidade onde sem-teto e sem-terra são os principais movimentos sociais. É um fenômeno de países periféricos, diferentemente dos países do Norte onde a sociedade ou a classe operária se organizou a partir de sindicatos. Embora também exista sindicatos no Sul, eles estruturalmente não são capazes de dar conta do tipo de sociedade que se desenvolveu nos países periféricos. Então se consolidou uma população muito grande que não tem trabalho fixo, portanto não se organiza em sindicatos. Os próprios sindicatos não têm uma política para organizar as pessoas que não tem trabalho fixo. Enfim, isso sempre foi um desafio, e esse problema acaba não sendo resolvido. No Brasil os dois principais movimentos em termos de tamanho, em luta, são os sem terra e os sem teto. Obviamente existem muitos outros como o movimento feminista, o movimento negro, os sindicatos, o movimento indígena. Mas estruturalmente na sua capacidade de se reproduzir como movimento ao longo do tempo os sem-terra e sem teto tem sido os principais. Não quer dizer que estes movimentos não tenham os seus problemas. Eles têm problemas muitos sérios, desafios que eles conhecem e não são facilmente superados. Na conjuntura atual são problemas que precisam ser superados porque estamos em uma crise econômica e política profunda. Uma situação que é a pior. Em termos econômicos é a pior crise que o país já conheceu e em termos políticos estamos no meio de

um golpe que certamente vai piorar. Então os movimentos precisam avançar. Um dos diversos problemas ou impedimentos é a incapacidade de entender a questão racial no país. A ideologia do capitalismo no geral e do capitalismo brasileiro em particular é o racismo. Tem outros obviamente, mas é a principal estrutura ideológica. Os sem-teto e os sem-terra são, na sua maioria, as pessoas que foram expulsas da terra, e foram viver em situações precárias nas áreas urbanas. Então se a gente for olhar a estatística, a população negra é a metade ou mais de 54 % da população. E 70% da população pobre é negra. Então tem uma força estrutural, ideológica, que não se entende pelos movimentos. Existe uma preocupação muito grande com modelos de pensamento vindos da Europa, formas de se organizar que muitas vezes tem como referência a Europa. Existe uma dificuldade de formar alianças entre campo e cidade, que tenha uma estrutura ideológica que dê conta da realidade brasileira. O movimento negro é o movimento que tem a crítica mais sofisticada da sociedade brasileira, mas não possui aquela estrutura organizacional capaz de reproduzir o movimento com bases sociais organizadas, de massa. Vem reemergindo em tempos recentes. Esse é um fato muito importante. Está em sua nova fase. Mas o seu grande desafio também é de mudar a maneira em que a resistência é entendida. Trata-se de uma resistência ideológica, trata-se de uma libertação. Os movimentos sociais no Brasil não pensam em termos de libertação nacional, mas a opressão se dá em termos raciais e de gênero. Não se pensa em uma libertação nacional. Se pensa em termos de agroecologia, no caso do MST, em termos de programas sociais do tipo “minha casa, minha vida”. Tudo isso é legítimo, mas precisamos de muito mais. É preciso reconhecer que o problema fundiário urbano e o problema fundiário rural envolvem as mesmas pessoas, são as mesmas famílias e estão sujeitos às mesmas forças ideológicas além das econômicas. O racismo naturaliza essa situação e os movimentos tem que romper essas barreiras, para poder reunificar em escala de movimentos de massa rurais e urbanos como uma ideologia maior que a agroecologia ou de qualquer outro programa social. Tem que ter uma mobilização capaz de atingir o coração do capitalismo brasileiro.

**3. O Brasil é um dos países com um dos maiores índices de concentração de terra do mundo. Essa concentração sempre foi uma constante e tem aumentado nos últimos anos com o advento do agronegócio. Na América Latina temos Cuba como exemplo de uma reforma agrária que foi realizada após uma revolução socialista. No Zimbábue temos a experiência de uma reforma agraria que não passou por uma revolução socialista. Como você analisa esses processos? Na atual conjuntura é possível falar em reforma agrária no Brasil sem falar em revolução?**

Nos últimos 40 anos desde os anos 1980/90 houve uma mudança nas relações de força de forma geral no mundo. Houve a crise da dívida de muitos países no terceiro mundo, eles tiveram que aceitar programas de ajuste estrutural, ficaram reféns do setor financeiro e essa é uma situação generalizada. Então houve um reordenamento, um reestabelecimento de relações norte e sul mais hierárquicas. Nos anos 1950/60 o Sul tinha iniciativa, existia todos os movimentos de libertação, o movimento de Panguni, os não alinhados. Mas a partir dos anos 80 houve no geral uma mudança nas relações de forças e vários assuntos, como questão agrária, caíram fora. Então a partir dos anos 1980/90, fim da guerra fria, não houve mais expectativa e possibilidade em muitos casos de avançar no sentido da reforma agrária. No entanto esse foi um momento também da reemergência de grandes movimentos agrários. A crise agrária em todo lugar amadureceu nos anos 1980/90. Ela já estava madura, mas se estendeu e tomou dimensões muito maiores. Essa foi a fonte dos grandes movimentos. Ao mesmo tempo que as populações rurais estavam sendo expulsas do campo e pensava-se que a questão agrária já estava encerrada, surgiram grandes movimentos. O MST é um deles. 1984 foi o marco da sua formação. Mas muitos outros. Tem alguns que sobreviveram aos anos 1980 /90. As FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) é uma outra história, mas também surgiram os Zapatistas em 1994, e vários outros. Então foram esses movimentos que colocaram ou mantiveram a questão da reforma agrária na mesa. Mas o ambiente geral era muito desfavorável. O Banco Mundial também tinha uma ideia de reforma agrária, mas pelo próprio mercado, que acabou sendo uma proposta ridícula. Onde foi implementado não funcionou, enfim por desenho não estava preparado para resolver nenhum problema. Neste contexto que estourou um grande movimento agrário no Zimbábue. Foi de fato a primeira grande reforma agrária pós-guerra fria. Então as condições são muito diferentes nessa altura. É uma reforma agrária muito grande, mas é diferente daquela de Cuba. A cubana também tinha seus vícios, que hoje em dia são reconhecidos. Se implementou um modelo de uma politização tipo soviética, que era muito dependente. Dependente primeiro dos mercados da própria união soviética, dependente do petróleo, era uma agricultura mecanizada e quando a união soviética implodiu, todo o modelo cubano também entrou em crise. A partir de então foi se fazendo outra reforma agrária, criando propriedades menores com uma agricultura urbana. Então eles foram experimentando com modelos mais viáveis. Hoje em dia entende-se que se pode até ter fazendas estatais ou outras viáveis importantes para economia que sirva para certos fins, mas é preciso ter uma dimensão significativa de uma pequena agricultura organizada em cooperativas na maioria dos casos, que seja capaz de absorver mão-de-obra e ter versatilidade na economia. As grandes fazendas não têm versatilidade. Quando os preços

no mercado internacional sofrem, as monoculturas não têm como manobrar. Mas a pequena produção sempre tem. Misturam-se vários cultivos e pode trocar de um ano para o outro. Além da versatilidade, abre a possibilidade de uma agricultura mais orgânica que não use agrotóxicos. Existem várias vantagens. Isso está sendo reconhecido em Cuba hoje. Um dos mais importantes modelos de agricultura orgânica é o cubano. Isso é realmente algo que deve ser visto. Diz-se, pelas estatísticas, que 70 % dos alimentos da cidade de Havana são orgânicos. Não sei exatamente como são feitos esses cálculos, mas existe um avanço muito importante nesse sentido. Cuba é um modelo, porém o modelo atual, não aquele do passado. Então no caso do Zimbábue, 85 % da terra foi tomada. Ouve uma redistribuição ampla. A terra foi nacionalizada, então antes era propriedade privada, depois se tornou propriedade nacional com um regime de propriedade comunal, como se chama aqui. Ouve uma nacionalização de um território muito vasto de terra agrícola, que tem avançado sobre condições muito difíceis, que é comum quando isso acontece. É uma situação que desafia a ordem do neoliberalismo no geral, desafia países vizinhos tipo África do Sul, que se encontra na mesma situação, mas nunca resolveu a sua situação agrária. Então o resultado, mesmo antes, quando a situação estava se escalando no final dos anos 1990, antes das ocupações de 2000, o país estava sobre sanções financeiras pelo FMI (Fundo Monetário Internacional), principalmente, e sanções militares. Isso tudo escalou exponencialmente. Então até hoje, 17 anos depois do início da reforma agrária, o país continua principalmente sobre sanções financeiras. Existe uma guerra econômica dessa hiperinflação que teve em 2007/08 e também a situação atual. Outra inflação que ameaça sair do controle de novo. São reflexos da situação que o país teve que enfrentar. A reforma agrária se internacionalizou em um contexto onde não existia mais uma China do tipo anterior para prover uma solidariedade, uma ajuda, um resgate econômico em tempos de crise, ou da União Soviética. Portanto essa reforma agrária não teve amigo nenhum, mas nenhum. O que ouve foi uma blindagem diplomática pela região. Todos aceitaram que a reforma agrária era legítima e que precisava ser feita. Todo mundo entende isso, mas não teve um apoio econômico. O país realmente ficou sozinho, sobre sanções internacionais que continuam até hoje. Então pode-se pensar em uma reforma agrária mais socialista, mas é a partir do cooperativismo que essa reforma agrária vai atingir formas mais socialistas. O cooperativismo exige apoio do Estado, exige financiamento, exige políticas públicas, infraestrutura para avançar e o Estado não tem esses recursos. Inclusive a economia se dolarizou nesse processo todo. E como não exporta suficiente, também falta dólares na economia. Então é difícil fazer a reforma agrária avançar mais rápido. Mas mesmo assim, mesmo em tempos ruins, não ouve fome no país. A reforma agrária criou uma

capacidade de resistir que não existia antes. Todo mundo pelo menos vai comer, eles produzem. E esse ano apesar da crise, foi a maior produção em muito tempo. Eles produziram mais do que eles consomem. Eles poderiam até vender no mercado internacional um excedente. Mas enfim essa é a situação, a reforma agrária muda o país, muda qualquer país, abre novas possibilidades, mas é necessária solidariedade. É necessário avançar em tomar outras dimensões estratégicas, outras atividades estratégicas da economia. Os bancos também não financiam essa agricultura. Como trata-se de propriedade comunal e como faltam títulos privados, eles não emprestam porque não tem como resgatar o empréstimo que não der certo. Então o que você faz com esses bancos? Eles são inúteis! Para que servem estes bancos? São estes bancos que colaboram com estratégias externa para desestabilizar o país. Então essas coisas precisam ser enfrentadas. Mas enfim é preciso solidariedade. Não é possível um país tão pequeno fazer tudo isso sozinho, sem apoio.

**4. Robert Mugabe está na presidência do Zimbábue (África) desde 1987. Porém, seu nome começou a aparecer na mídia internacional a partir dos anos 2000, quando ocorreu uma Reforma Agrária no país. Na última terça feira, dia 15 de novembro, devido a um desacordo relacionado à sua sucessão, parte do exército que compõe o partido realizou uma intervenção na televisão estatal exigindo um acordo. Isso está sendo noticiado na mídia internacional como um golpe de Estado. Como você analisa esse momento?**

Ainda estamos tentando entender o que está acontecendo para ter uma noção melhor de como a situação vai evoluir. Tem vários elementos que levam a esse desfecho. Trata-se em primeiro lugar de um racha dentro do partido nacionalista [União Nacional do Zimbábue - Frente Patriótica (ZANU-FP)] no poder. A oposição também está muito rachada. É uma oposição neoliberal que não se entende. Eles até chegaram muito perto, em eleições, de tomar a presidência, mas até agora o partido nacionalista tem sido bastante organizado, bastante coerente apesar das divisões internas. Porém essas divisões foram se escalando. A situação geral da economia também estabelece uma pressão. São 17 anos de crise. A crise piorou muito em 2013, depois melhorou bastante, depois decaiu de novo, e chegou em uma situação bastante complicada. Nessa situação, qualquer partido ou força política tem que dar respostas. E tem dado diversas respostas. Essa produção agrícola que vem acontecendo desde o ano passado foi resultado de uma nova política agrícola, um investimento pesado, com uso de recursos escassos investidos na agricultura para se ter esse resultado. Mas novamente faltando grandes exportações, a economia continua a sofrer com a falta de dólares. Isso aumentou a

pressão. Então você tem que ter ajuda de amigos, ideias ou capacidade política de resolver os problemas. Quando isso acontece, o governo vai se desgastando. Esse é um aspecto. Tem uma pressão muito forte e o partido luta sempre para manter sua legitimidade e quando a pressão esquenta, as relações internas desse partido também esquentam. As facções internas também vão brigando cada vez mais. Outro aspecto é que também houve nessa reforma agrária uma dimensão que também criou espaço para uma pequena burguesia. Uma classe de produtores que não são nem grandes nem pequenos. Possuem cerca de 100 hectares, tem terra boa, infraestrutura, irrigação. Isso criou um aburguesamento, inclusive de quadros dentro do partido. Então isso vai criando novos tipos de concorrência dentro do partido. Existem facções que lutam para outros fins. São estratégias de acumulação, que exigem controle político para gerenciar relações entre as facções. Então essas são coisas orgânicas que vão estruturando os conflitos. Era mais ou menos esperado, nós já havíamos alertado sobre isso. Isso foi algo que fez a reforma agrária andar. Era uma maneira de cooptar uma classe média. Uma parte da classe média entrou na reforma agrária. A grande maioria eram pobres das áreas rurais e urbanas, mas também houve um segmento que foi cooptado e apoiou a reforma agrária. Então houve uma aliança inter-classe que apoiou a reforma agrária. Por um lado, efetuiu-se essa aliança e a reforma agrária teve um apoio geral, fora a oposição mais neoliberal. Mas por outro lado, feito isso, se estabelece condições para outro tipo de briga dentro e fora do partido. Existe agora estratégias de acumulação que vão complicando muito a situação. Existe um faccionalismo que não é o ideológico ou as diferenças ideológicas não são muito claras, pelo menos para mim. Todo mundo é mais ou menos nacionalista. Todo mundo é nacionalista, mas é um nacionalismo vulnerável, quando se tem por traz pequenas estratégias de acumulação. Deixa de se sustentar uma mobilização em massa. Mas esta é a situação. O futuro a gente não sabe, esperamos que se resolva rápido, hoje ou amanhã e que se tenha um retorno muito rápido da ordem constitucional. O exército também não quer ficar, isso está muito claro. Eles estão dizendo que não é golpe. Eles estão dizendo que é uma tentativa de tirar certas pessoas que tem influência desproporcional e maligna em torno do presidente. Eles querem que o presidente assine sua demissão, para que se tenha uma transição. O caráter dessa transição é que está incerto. Agora o que isso vai implicar em termos de política econômica?! A virada neoliberal está sempre muito próxima. Faz 17 anos que está acontecendo isso. Todo ano pergunta-se se irá sucumbir. Apesar de ser uma relação inserida na economia mundial, enfim, existe aspectos neoliberais na política econômica. Porém esse não é o modelo que se rendeu. O modelo é bastante nacionalista. Tem controle, tem intervenção. A questão é se a partir desse evento vai ter alguma mudança econômica rumo a um neoliberalismo desenfreado.